



LA RIBOT

ENTREVISTA COM

LA RIBOT

CRISTIANE BOUGER

para RELÂCHE – Revista Eletrônica da Casa Hoffmann (2004)

A artista La Ribot, nascida em Madri, vive e trabalha em Londres desde 1997. Adotando o nome La Ribot, ela criou peças—várias vezes premiadas—que existem na intersecção entre dança contemporânea, *live art*, performance e vídeo. Entre seus trabalhos estão: *13 Piezas Distinguidas*, *Más Distinguidas*, e *40 Espontáneos*. Entre suas influências, encontramos o compositor francês Eric Satie e o poeta catalão Joan Brossa.

Relâche: Como foi sua experiência com o grupo Bocanada, em parceria com Blanca Calvo, na década de 1980?

La Ribot: Como todas as primeiras experiências, foi repleta de entusiasmo e valor. Naquela época, havia coisas muito pouco interessantes de dança em Madri. Então, Bocanada conquistou um lugar importante em nossas vidas e na cidade. De Bocanada saíram Olga Mesa e Juan Domínguez, por exemplo; e quase todos que compartilhamos daquela experiência, estamos ou continuamos trabalhando nas artes. Isso é para mim muito bonito.

R: E como surgiu o projeto *Piezas Distinguidas*?

La Ribot: *Las Piezas Distinguidas* foi para mim uma afirmação à possibilidade de mudança. Trocar a experiência de Bocanada, por outra que me parecia mais pertinente e real—envolvendo conceitos como agilidade, velocidade, redução de escala, a forma de produzir, inclusive a forma de distribuir (proprietários distintos); multidisciplinaridade ou interdisciplinaridade, silêncio, saudade e nudez.

R: Como foi ver *Más Distinguidas* no corpo de Anna Williams? Foi a primeira vez que um trabalho criado para seu corpo foi apresentado por outra performer?

La Ribot: Quando vi Anna fazer as peças, dei-me conta da mensagem sutil das obras e da força da imagem. Às vezes tanto fazia quem estivesse dentro da idéia, seu corpo ou o meu. A peça não mudava.

R: Parece-me que a opção pela nudez em muitas de suas peças surge com o objetivo de alcançar a neutralidade do corpo. Você pode falar um pouco mais sobre isso?

La Ribot: Não a vejo como um objetivo. A nudez serviu para embasar a simplicidade e a radicalidade do que eu propunha.

Silêncio, nudez, quietude, simplicidade, formam parte do primeiro inventário. A nudez serviu-me para mostrar o corpo como um tecido, isto é, mostrar sua função plástica—neutra, e não teatral. Rapidamente a nudez permitiu-me trabalhar com o corpo no mesmo nível que todos os demais objetos, e inclusive o próprio público, fazendo-me mais vulnerável e receptiva, portanto, apagando hierarquias entre as coisas.

R: O que ditou a reunião das 34 *Piezas Distinguidas* para

o *Panoramix*, na Tate Modern?

La Ribot: O próprio projeto que venho desenvolvendo desde 1993. *Panoramix* foi um passo a mais para a descoberta da horizontalidade, por exemplo, da constante acumulação dos objetos no tempo e no espaço, das formas, ações, de conceitos que se repetem, transformando-se nestes 10 anos, quero dizer, da construção da linguagem.

R: Em 1999, você produziu *El Gran Game*. Pode nos falar um pouco sobre esse trabalho? Foi a primeira realização com um grupo após anos de trabalho solo?

La Ribot: *El Gran Game* foi o primeiro projeto de grupo que fiz em Londres. Muito interessante para todos que o fizeram. Não sei se na mesma intensidade para o público. Era um jogo de dados que associava o azar, muito simples, com uma linguagem muito sofisticada, uma mescla de *British Sign Language* [Linguagem de Sinais Britânica] com os códigos usados pelos bailarinos e coreógrafos para explicar, com braços e mãos, os passos, sem fazê-los. Particularmente, interessou-me muito a linguagem de códigos desenvolvida nessa peça.

R: Falando um pouco sobre seu mais recente trabalho, *40 Espontâneos*, parece que o nome desse projeto faz referência às touradas...

La Ribot: O título faz referência aos que saltam na arena nas touradas.

Segundo o *Dicionário da Real Academia Espanhola*: a) Espontâneo-a. Do latim *spontaneus*. adj. Voluntário e de movimento próprio. Que se produz sem cultivo ou sem cuidado do homem. b) Espontaneidade f. Qualidade de espontâneo. Expansão natural e fácil do pensamento.

Também, na linguagem das touradas, espontâneo é aquele aspirante a toureiro que, com a ânsia de ser visto, salta na arena, sem preparação nem aviso prévio. Na realidade, esse fato tem se tornado raro, dada à regulamentação das touradas e o controle policial. De fato, é algo que

“A nudez serviu-me para mostrar o corpo como um tecido, isto é, mostrar sua função plástica—neutra, e não teatral.”



La Ribot, *40 Espontáneos*
2003 © Isabelle Meister

nos anos 1960, com o forte incremento do turismo e da construção das novas praças de touradas, havia ressurgido. O espontâneo não é bem recebido pelos aficionados, pois supõe uma ruptura do ritmo e da própria ordem dos movimentos, da luta e arte do toureiro. Uma tourada está baseada na habilidade e domínio de certas regras. O espontâneo introduz uma overdose desnecessária de riscos e pode convertê-la em uma prova de coragem ou em uma carnificina.

Maria Moliner em seu *Diccionario del Uso del Español* define espontâneo também como irracional, instintivo, involuntário, inconseqüente. Ou como original e selvagem.

Interessa-me trabalhar certas facetas dessas definições de espontaneidade, entendendo que os figurantes são, assim como o touro, algo vivo e às vezes brabo, sempre diferente e mutável.

R: Esse projeto é uma derivação da vídeo-instalação *Despliegue*, de 2001?

La Ribot: Desde o ano 2000 trabalho em horizontal *Still Distinguished*, *Despliegue*, *London–Helsinki*, *Panoramix* e *40 Espontáneos*. Todas as peças respondem a mesma proposta. Diferentes meios, diferentes mídias—vídeo, palco, galeria...

R: Nesse projeto você trabalha em parceria com o dançarino Juan Domínguez. Trata-se de uma co-criação?

La Ribot: A direção e a idéia são assinadas por mim. Não é uma co-criação. Juan Domínguez é meu assistente, nesse projeto. *40 Espontáneos* é um projeto de escala muito maior e muito diferente de *Las Piezas Distinguidas* e não só trabalhei com Juan como também com Anna Williams, Corine Garcia, Daniel Demont e mais 40 pessoas em cada cidade. Cada colaborador tem seu trabalho, Juan é o mais próximo e o melhor interlocutor para mim.

R: Em *40 Espontáneos* você trabalha com grandes grupos e o processo de pesquisa ocorre em diferentes lugares do mundo, com diferentes *performers*. Essas experiências têm um resultado acumulativo ou são processos totalmente independentes?

La Ribot: Certamente é acumulativo. O que descubro em um lugar, repito-o no seguinte e continuo com a busca.

R: Um aspecto interessante desse último trabalho é o fato de que as pessoas que participaram do processo não irão participar do projeto/apresentação final. Isso parece inusitado. Trata-se de uma decisão conceitual ou de uma impossibilidade prática?

La Ribot, *Panoramix* 1993–2003. Tate Modern, London. Photo: Manuel Vason, 2003.

Panoramix





La Ribot, *Panoramix* 1993–2003. Tate Modern, London. Photo: Manuel Vason, 2003.

“A cultura espanhola é tão rica e divertida que me beneficio muito dela. Por exemplo, particularmente acho que não sou minimalista ou algo parecido com isso; tudo não passa de austeridade castelhana. Austeridade arraigada a mim como o alho e a cebola, a cor ocre e amarela da terra e a cor violenta do sangue.” — La Ribot

La Ribot: As duas coisas. Interessa-me a mudança constante e natural. E isso é estabelecido com a mudança do grupo em cada cidade. Também seria muito lento, para mim, mover uma companhia de 40 pessoas pelo mundo. Quase sempre me interessa mais a agilidade que a lentidão, além de que, nesse caso, o peso já é assegurado com o número de integrantes do grupo.

R: Quão diferente foi a experiência na Casa Hoffmann dos outros lugares nos quais você desenvolveu *40 Espontâneos*?

La Ribot: Em cada lugar proponho-me trabalhar umas coisas. Na Casa Hoffmann, dentro do conceito geral, o organismo inteligente, colaboração, contaminação, flexibilidade, entre outros. Queria trabalhar a agilidade, a acumulação de ações e as missões impossíveis.

R: No trabalho realizado na Casa Hoffmann, pareceu-nos muito presente a questão da não hierarquia na condução coreográfica, como se todo o trabalho acontecesse através de uma rede, como se todos fôssemos parte de uma mesma inteligência ou organismo, com ações e decisões muito claras na cena. Com base nesta e em outras experiências, como você percebe a questão da autoria coreográfica?

La Ribot: O projeto e a coreografia inserem-se no conceito geral e não tanto em sua gestualidade específica. As instruções e ações são claras e são dadas, os objetos também. Não importam tanto as particularidades interpretativas individuais, embora sejam necessárias, válidas e úteis para mim. Não foi Duchamp quem disse que ser autor é assinar a peça?

R: Sobre o seu trabalho com vídeo, como se estabelecem os acordos entre você e o vídeo-artista? Você costuma participar da direção dos seus vídeos?

La Ribot: Até agora os cinco ou seis trabalhos que fiz em vídeo são dirigidos, filmados e interpretados por mim. Exceto em *Travelling*, em que, Eduardo Bonito, Olga Mesa e Gilles Jobin filmam-se enquanto dançam, sob minha direção. E em *London–Helsinki*, em que Gilles Jobin captura as imagens do avião.

R: Você encontrou um meio informal, porém sofisticado de vender as suas *Piezas Distinguidas*. Esta decisão foi inspirada pela *performance art* dos anos 1960?

La Ribot: Sobretudo inspirada em Piero Mazoni.

R: Como você define seu próprio trabalho?

La Ribot: Meu trabalho situa-se em um território entre as artes visuais, a dança e a performance.

R: Parece que o compositor Eric Satie e o poeta Joan Brossa influenciaram o seu trabalho. Você gostaria de citar alguma outra influência em sua criação?

La Ribot: Se eu falar de *Las Piezas Distinguidas*, Satie e Brossa são fundamentais. O primeiro, pela simplicidade de sua música, a transparência com que é executada, a repetição de motivos obsessivos, a austeridade formal e conceitual. A poesia e a ironia dos títulos. O vibrante incômodo de suas propostas. O segundo, pelo cotidiano da linguagem, o gosto pelo popular, o humor, a política e a poesia e a vida como uma mesma coisa. Ambos por sua indisciplina.

Também poderia citar Duchamp, e claro que Cage, Buster Keaton, Pina Bausch, Cindy Sherman, Ítalo Calvino, a arte conceitual e a arte povera. O surrealismo e o dadaísmo. As touradas, onde a apresentação e a representação estão genialmente concebidas, e os mercados de frutas e verduras. As lojas de tecidos.

R: Você vem de um país que tem uma cultura apaixonada, obstinada e intensa. Isso aparece nos filmes de Almodóvar, mas também nas telas de Goya, Dalí e Picasso, na poesia de Lorca, na obra máxima de Cervantes. Você identifica a intensidade de seu trabalho com as características culturais e históricas do seu País de origem?

La Ribot: Imagino que sim. Quanto mais envelheço, mais apego cultural tenho de minha terra e seus artistas. A cultura espanhola é tão rica e divertida que me beneficia muito dela. Por exemplo, particularmente acho que não sou minimalista ou algo parecido com isso; tudo não passa de austeridade castelhana. Austeridade arraigada a mim como o alho e a cebola, a cor ocre e amarela da terra e a cor violenta do sangue.

R: Alguma perspectiva de apresentar algum de seus trabalhos no Brasil?

La Ribot: Estamos conversando. Seria um prazer para mim. *40 Espontâneos* tem que ser visto mais como um lugar de encontro do que como um trabalho terminado, e o encontro só tem sentido quando ocorre no local onde estão interessados. ♦



La Ribot, *Still Distinguished*, 2000.
Fotografia: Arquivo da Artista.

La Ribot e Juan Dominguez realizaram o *Workshop La Ribot* na Casa Hoffmann – Centro de Estudos do Movimento, na cidade de Curitiba, Brasil, de 12 a 17 de novembro de 2003.

Relâche

Relâche – Revista Eletrônica da Casa Hoffmann
Curitiba/Brasil, 2004.

Conselho Editorial

Andrea Lerner
Beto Lanza
Cristiane Bouger
Edson Bueno
Rosane Chamecki

Entrevistas (por e-mail)

Cristiane Bouger

Revisão das Entrevistas

Rosane Chamecki
Andrea Lerner
Beto Lanza

Colaboradoras

Cristiane Bouger
Dayana Zdebsky de Cordova
Gladis Tripadalli
Michelle Moura
Olga Nenevê

Tradução das Entrevistas em Inglês e em Português

Rita Rodrigues do Rosário
Lilian Esteigleder Cabral

Revisão em Português

Lydia Rocca

Revisão em Inglês

Margarida Gandara Rauen

Criação da Logo Relâche

Sebastian Bremer

A revista eletrônica Relâche recebeu fundos da Fundação Cultural de Curitiba – FCC e da Prefeitura Municipal de Curitiba.